

Possibilidades de abordagem CTS no Ensino Fundamental a partir da poesia “Ode Triunfal” de Fernando Pessoa

Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira (PG)^{1,*}, Glória Regina Campelo Pessôa Queiroz^{1,2} (PG), Laís Rodrigues (PG)^{1,2}. roberto_dalmo@id.uff.br

¹ Programa de Pós-Graduação em Ciência Tecnologia e Educação CEFET/RJ Av. Maracanã 229 – Maracanã CEP:20271-110 Rio de Janeiro - RJ - Brasil

² UERJ- Instituto de Física Armando Dias Tavares- DAFT/DFNAE Rua São Francisco Xavier, 524 - Maracanã - Cep: 20550-013

Palavras-Chave: Ciência e Poesia, CTS, Fernando Pessoa

RESUMO: O presente trabalho visa relatar um estudo de caso realizado no último ano do Ensino Fundamental, onde a poesia “Ode Triunfal” de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, foi trabalhada de forma a ressaltar suas potencialidades no que diz respeito à compreensão da Ciência como atividade humana e reflexões sobre a relação Ciência, Tecnologia e Sociedade. Após a leitura foram elaborados textos que possuísssem alguns aspectos tanto compreensão do estudante sobre a poesia e quanto sobre compreensão da relação entre Ciência Tecnologia e Sociedade à luz da poesia. Em os textos foram submetido à análise de conteúdo para tentar averiguar se haveria uma convergência entre as ideias e discussões levantadas pelos estudantes a partir da leitura e os objetivos apresentados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental.

1- INTRODUÇÃO

Primeiramente é necessário apresentar o poeta Fernando Pessoa, mostrar a relevância de sua obra para a Literatura da Língua Portuguesa, comentar sobre a utilização de uma abordagem CTS no Ensino de Ciências e levantar as possibilidades de sua articulação com a Poesia.

1.1- “O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS” DE FERNANDO PESSOA

Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1888-1935), além de escrever por ele mesmo, foi eternizado principalmente por sob os heterônimos de Alberto Caeiro, Ricardo Reis, e Álvaro Campos. Engenheiro formado, poeta futurista e entusiasta de seu tempo é o autor do poema utilizado durante nosso trabalho, “Ode Triunfal”. Segundo Galhoz, que prefaciou o livro “O eu profundo e os outros Eus”, ele era um homem que se contentou com uma história sem brilhos e sem misérias espetaculares e que se preferiu uma vida antes secreta e sem importância, em poesia. Em vida cumpriu, enganou-se, falhou, sabendo-o sempre, com a incômoda evidência da previsão e comentário com que se julgava, e nem sequer teve ilusões satisfatórias fosse até acerca da glória que finalmente desejava para o que escrevia (PESSOA, 1980 p. 200). Como afirmam Barbosa-Lima, Barros e Terrazan (2004), ele era capaz de se deixar possuir por outras almas poéticas, com vidas particulares, amores, medos, depressões.

Foi um grande representante do Modernismo, movimento que apresentou um caráter destruidor, ou seja, a necessidade de que houvesse uma ruptura com o passado para que surgisse uma literatura nova.

[...] surgiu com uma poesia alucinada, provocadora, irritante, com o intuito maior de desestabilizar a ordem política, social e econômica reinante na época. Também influenciada pelo contexto mundial daquele período – 1ª Guerra Mundial

(1914), Revolução Russa (1919), EUA assumindo a alcunha de maior potência do mundo – e acompanhando as tendências de vanguarda que nasciam pela Europa, a temática artística apresentava-se com veias de inconformismo, de instabilidade, com o desejo de romper com o passado, de aderir a ideias futuristas, dando maior vida – e visibilidade – ao país. (PUCCINI, 2008).

Mediante a sua grande importância à literatura portuguesa, que faz com que ele seja estudado, pesquisado e ensinado, Fernando Pessoa torna-se cada vez mais conhecido no território brasileiro. No Ano de Portugal no Brasil, que se inicia a partir de setembro de 2012, ele será o “embaixador”. A comemoração pretende garantir aos brasileiros uma “apresentação da criatividade e do conhecimento portugueses nas artes, cultura, pensamento, ciência, investigação, inovação tecnológica e economia” (Em: <<http://anodeportugalnobrasil.pt/docs/Resolucao-Conselho-de-Ministros.pdf>> acesso em: 14/04/2012), o que aumenta a relevância da leitura de Fernando Pessoa e da abordagem proposta.

1.10 ENSINO DE CIÊNCIAS E A ABORDAGEM CTS

Como professores, é necessário que tenhamos compreensão dos objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998) para o Ensino de Ciências. Espera-se que a Ciência seja compreendida como uma construção social, não separada de aspectos históricos, econômicos, políticos e culturais. É necessário:

“compreender a natureza como um todo dinâmico e o ser humano, em sociedade, como agente de transformações do mundo em que vive, em relação essencial com os demais seres vivos e outros componentes do ambiente; compreender a Ciência como um processo de produção de conhecimento e uma atividade humana, histórica, associada a aspectos de ordem social, econômica, política e cultural; identificar relações entre conhecimento científico, produção de tecnologia e condições de vida, no mundo de hoje e em sua evolução histórica, e compreender a tecnologia como meio para suprir necessidades humanas, sabendo elaborar juízo sobre riscos e benefícios das práticas científico-tecnológicas”... (BRASIL, 1998, p.33)

Queiroz et. al. (2011) destacam a demanda atual de formação de cidadãos que não fiquem nem assustados nem passivos em relação ao alcance do poder da ciência. Com abordagens educacionais que relacionem Ciência, Tecnologia e Sociedade busca-se que os estudantes se tornem capazes de participar de decisões e que possam opinar sobre temas científicos, caso seja necessário, sem deixar as escolhas apenas a cargo dos especialistas, ou seja, que consigam “ler” criticamente as informações científicas que lhes chegam através de diversos meios de comunicação.

Entre as muitas ações desenvolvidas sob o âmbito da sigla CTS, Schnetzler e Santos (2003) reconhecem que há cursos CTS que se preocupam mais com a motivação do que com a formação do cidadão, mas que a principal característica de um curso com abordagem CTS é que o conteúdo inter-relacione diferentes componentes de ciência, tecnologia e sociedade. Em nossa visão buscamos estabelecer trabalhos que tenham tanto uma característica de contextualização e motivação, uma vez que acreditamos tanto na importância do estudante estar motivado para aprender quanto na importância de uma abordagem que valorize o conteúdo científico e que possibilite a formação do cidadão. Como uma dessas possíveis abordagens é, damos relevância à relação Ciência e Arte no Ensino de Ciências.

1.3- RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E POESIA

A arte relaciona-se de forma harmônica com a Ciência. Segundo Reis, Guerra e Braga (2006), apesar da diferença de linguagem, as duas são produtos socioculturais expressas pela compreensão de mundo de artistas e cientistas. Antônio Damásio (2006) apud Galvão (2006) defende a importância do conhecimento sobre arte no currículo *"um currículo escolar que integra as artes e as humanidades é imprescindível à formação de bons cidadãos... A ciência e a matemática são muito importantes, mas a arte e as humanidades são imprescindíveis à imaginação e ao pensamento intuitivo que estão por trás do que é novo. As capacidades cognitivas não bastam"*

Em seu livro "A cabeça bem feita", Morin (2000) enfatiza que a arte nos leva à dimensão estética da existência, e que em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana.

Essa possibilidade faz com que a arte seja uma boa ferramenta para expressar o contexto de mudança existente no início do século XX. Silveira (2010) ressalta que, um romance pode inserir o aluno no contexto social, político e cultural de determinada época e por meio da ficção permitir que o imaginário do mesmo possa construir imagens da ciência como produto das ideias e das ações do homem. Com isso acrescentamos a essa ideia a possibilidade de trabalhos com poesias. Além disso, Ciência e literatura, *"apesar das suas linguagens específicas e de métodos próprios, ganham quando postas em interação e ganha a humanidade quando se apercebe das diferentes leituras que as duas abordagens lhe permitem fazer"* (GALVÃO, 2006).

Nosso grupo de pesquisa em Educação em Ciências busca relacionar as questões de Ciência, Tecnologia e Sociedade, através de uma inter-relação com a Arte. Dessa proposta surgiram projetos como: "Luz Ciência e Arte" (QUEIROZ; BARBOSA-LIMA; SANTANA 2006) e "Cor, Ciência e Arte: as estrelas de Van Gogh" (MACHADO; QUEIROZ, 2009) entre outros que têm sido desenvolvidos na escola básica, em parcerias que estabelecem interações entre universidade e escola na formação inicial e continuada dos professores.

A relação entre Ciência e Poesia possibilita a compreensão da Ciência como um produto sócio-histórico-cultural, e permite que o estudante olhe o período histórico abordado com os óculos da época, ou seja, é possível mostrar para o estudante a visão de mundo existente naquele contexto específico. Nesse caso, como optamos pela poesia Ode Triunfal, de Fernando Pessoa, escrita sob o Heterônimo de Álvaro Campos, deixamos claro que o poema possui a ótica de um engenheiro progressista vivendo em 1914.

Sendo possível equiparar os objetivos apresentados acima pelo PCN do Ensino Fundamental com os objetivos da Educação CTS via a relação Ciência e Poesia o presente trabalho consiste no estudo de caso de uma abordagem que envolveu Literatura em uma turma de Ciências do 9º ano do Ensino Fundamental. Nosso objetivo foi perceber as potencialidades da leitura do poema escolhido (Ode Triunfal), no que diz respeito à compreensão da Ciência como uma atividade humana, histórica e associada à tecnologia e à sociedade de forma a contribuir para uma educação que visa a formação do cidadão reflexivo.

2- MOTIVAÇÕES E CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nesse ponto seria relevante destacar as motivações que levaram ao professor de ciências e autor desta pesquisa a investigar a obra de Fernando Pessoa.

Seu gosto por literatura surgiu na adolescência, inicialmente através das leituras feitas a partir de livros pedidos pelo colégio, como Machado de Assis, Graciliano Ramos, e Jorge Amado. Ao fim do Ensino Médio começou a ler poesias de Vinícius de Moraes, Ferreira Gullar e Drummond e por fim, Fernando Pessoa. Em paralelo, graduou-se como Licenciado em Química tornando-se professor de Ensino Fundamental e Médio. Através do conhecimento da possível relação entre Ciência e Arte, repensou sua prática e guiou suas leituras para esse foco. Ao conhecer o poema Ode Triunfal de Fernando Pessoa, vi a possibilidade do estudo desse texto em uma aula de Ciências, visando uma compreensão, por parte do estudante, das modificações que ocorreram e ocorrem constantemente na estrutura científico-tecnológica e social.

A aula referente ao relato foi ministrada em uma turma de Ciências com 17 alunos do 9º ano do Ensino fundamental. Foi utilizada uma aula de 50 minutos na qual foram divididos dois momentos; i) A exibição do início do filme “Nós que aqui estamos por vós esperamos”, documentário de Marcelo Massagão que mostra a virada do século XIX para o século XX, com o objetivo de contextualizar o poema ii) foi distribuída a poesia e feita a leitura de alguns trechos de forma a levantar questões sobre o sentido do texto e o possível significado de algumas palavras, para facilitar a leitura dos estudantes; iii) foi passada uma tarefa que consistia na produção de textos (10 a 15 linhas) sobre aspectos tanto compreensão do estudante sobre a poesia e quanto sobre compreensão da relação entre Ciência Tecnologia e Sociedade a luz da poesia. Para isso foi pedido que citassem trechos do poema. iv) foram postadas no grupo que a turma possui em uma rede social (Facebook).

Para a coleta de dados foi utilizado o material disponibilizado no próprio grupo do Facebook de forma que, por estar digitalizado, este material não necessitou de transcrição. Entre os 17 textos, selecionamos 7 para análise sob o critério de serem textos que apresentaram alguma citação de trechos do poema para exemplificar o seu pensamento. Acreditamos que citar o trecho seja uma maneira coerente de mostrar em que momento a ideia apresentada pelo estudante está presente no texto. Os estudantes foram classificados pela letra E seguido do número da ordem de entrega, (E1, E2, E3, etc.). Destaca-se também que houve correção ortográfica do texto produzido pelos estudantes. Para a análise dos dados foi utilizada a metodologia análise de conteúdo (MORAES, 1999). Nosso objetivo foi de descrever e interpretar o conteúdo selecionado dos textos. Enfatizamos que a compreensão é também uma interpretação pessoal do discurso que se refere aos pensamentos, sentimentos, memórias (BAUER E GASKELL, 2000).

3- RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da leitura flutuante dos comentários solicitados aos alunos sobre a poesia Ode triunfal e postados pelos alunos na página da turma no Facebook, surgiram 3 categorias. *Categoria 1: O homem e a mudança em seu ambiente; Categoria 2: Relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade; Categoria 3: Juízo sobre riscos e benefícios das práticas científico-tecnológicas.* Além disso, essas categorias foram inspiradas nos objetivos apresentados pelos PCNs do Ensino Fundamental destacados anteriormente (BRASIL, 1998 p. 33).

A Categoria 1 buscou agrupar trechos dos textos que mostrassem a compreensão do contexto de mudança apresentado pelo poema. O estudante E1 relata

que o homem viu as mudanças acontecerem e a máquina tomar o seu lugar nas fábricas, percebendo que a cidade grande não era tudo o que imaginava e desejava ser como uma máquina:

“Com essa substituição ele percebeu que tudo aquilo que tinha escutado sobre a cidade grande não passava de grande ilusão”. O estudante destaca o trecho “Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!/Ser completo como uma máquina!/ Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo! “. O estudante E3 observa essa noção de mudança a fala “Onde se ouviram sons de cavalos passeando, pássaros, sons da natureza, passara a ouvir sons de rodas, máquinas, domo diz Fernando Pessoa nesse trecho: ‘Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno! [...] Tenho lábios secos, ó grandes ruídos modernos’...” Assim como o estudante E4 ao dizer que o poema destaca a “evolução das máquinas. Que em certa época causou um grande susto para uns pois estavam acostumados a suas vidas remotas e tranquilas”. O estudante E5 já destaca a mudança na sociedade através do trecho ‘Em febre e olhando os motores como a Natureza tropical – Grandes trópicos humanos de ferro, fogo e força’. Com esse trecho ele mostra que as máquinas modificaram a visão de natureza do homem. Por fim, o estudante E7 apresenta o trecho “Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se constrói, com que hoje se é diferente de ontem!”.

A Categoria 2, chamada de Relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade observadas no poema, buscou agrupar trechos nos quais os estudantes falassem explicitamente desses tópicos. Dentre os estudantes que abordaram esse tema no texto e citaram trechos do poema foi possível destacar O estudante E2 apresenta em seu texto *“a ciência tecnológica contribuem muito no desenvolvimento da sociedade, pois antigamente as coisas não eram tão atualizadas como são hoje. Como diz não só nesse trecho: ‘À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica. Tenho febre e escrevo. Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto. Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos’.”.* Já E3 destaca que a o poema, *no que se refere à ciência, tem a ver com evolução, desenvolvimento e mudanças. Em relação à tecnologia, tem o surgimento, invenção das máquinas e indústrias. E sociedade, tem a adaptação da sociedade com todas essas mudanças, desenvolvimentos e como a sociedade encarou isso tudo.* Enquanto E7 diz que muitas máquinas antigamente evoluíram por causa da ciência. *Tem um trecho no texto que e mais ou menos assim, o mundo mudou diante das maquinas, como tudo evolui e tudo mais.*

A Categoria 3, denominada juízo sobre riscos e benefícios das práticas científico-tecnológicas buscou agrupar para análise trechos que refletissem sobre risco e benefício, além de aspectos morais sobre científico tecnológicas. Dentre os estudantes que destacaram questões sobre benefício ou malefício da utilização de práticas científico-tecnológicas é possível destacar E2 ao afirmar que *“Cada dia que passa a ciência tecnológica toma conta da sociedade evoluindo e substituindo as evoluções do passado”* e destaca o trecho *‘Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto/ Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo/ Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?.* Deixando explícito um trecho que questiona os benefícios de práticas científico-tecnológicas. Já E4 cita a questão do homem como escravo da máquina e fala que não mudou muita coisa da época do poema para hoje através da fala *“pois em um trecho diz como a máquina fez do homem seu escravo, o que não é tão diferente da sociedade de hoje em dia, pois estamos acostumados a viver a mercê das máquinas. [...] Ele descreve aquele tempo, que também serve para um futuro”.* O estudante E7 comenta sobre os operários *“ estavam lá porque não tinham muitos direitos de escolha, eles trabalhavam ou sua família morreria de fome, mas esse tipo de*

trabalho também colocava a vida deles em perigo, podendo morrer ou ser triturado pelas máquinas ou até perder uma parte do seu corpo. Quando se machucavam ficavam afastados até se tratarem, quando voltassem a sua rotina já havia outro manejador em seu lugar”...

Na categoria 1 buscou-se agrupar trechos dos textos nos quais foi possível perceber que os estudantes compreenderam a partir do texto *a natureza como um todo dinâmico e o ser humano, em sociedade, como agente de transformações do mundo em que vive, em relação essencial com os demais seres vivos e outros componentes do ambiente* (BRASIL, 1998, p.33). Nessa categoria observou-se claramente que os estudantes conseguiram compreender o contexto de transformação existente no poema além de conseguirem refletir sobre questões de caráter científico-tecnológicas foram importantes para esse contexto de transformação. A categoria 2 buscou identificar *relações entre conhecimento científico, produção de tecnologia e condições de vida*; Acreditamos que os estudantes ainda apresentam uma concepção ingênua das relações entre Ciência, Tecnologia e sociedade, de forma que a Tecnologia seria produzida pela Ciência e assim influenciaria na sociedade, porém a constatação dessa concepção é importante nessa fase inicial para que nos momentos posteriores sejam trabalhados temas e conteúdos visando ao favorecimento de uma visão mais crítica dessa relação. A categoria 3 buscou identificar os estudantes que levantaram questões relativas a juízo de valor sobre riscos e benefícios das práticas científico-tecnológicas. Foi possível perceber que há um grau de crítica e capacidade de reflexão sobre a questão tecnológica que levantou questões como a fácil substituição do homem pela máquina gerando desempregos, e a questão de nossa escravidão tecnológica observada através do poema no passado e facilmente relacionada com os dias atuais.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise de conteúdo dos textos escritos pelos estudantes percebemos que eles conseguiram situar-se no período histórico do poema, além de compreender e refletir sobre as mudanças ocorridas na sociedade, entendendo como essas mudanças influenciaram no cotidiano das pessoas. Além disso, refletiram sobre relações trabalhistas e a questão de nos tornarmos “escravos” da tecnologia, abordando o trabalho em fábricas, possibilitando a discussão sobre juízos de valor sobre riscos e benefícios da Ciência e Tecnologia.

Avaliamos como ação pedagógica positiva a discussão no momento seguinte ao trabalho com a poesia, a partir dos textos por eles produzidos, entre os estudantes com a mediação do professor, tendo havido a possibilidade de diálogos sobre as diferentes ideias apresentadas, sem posicionamento autoritário sobre o tema (Mortimer; Scott, 2002). Muito provavelmente esse diálogo irá favorecer o desenvolvimento do pensamento crítico tanto sobre os conceitos de Ciência, Tecnologia, Sociedade e suas inter-relações quanto ao que diz respeito a juízos sobre benefícios e malefícios da Ciência e Tecnologia. Por fim, trazemos a título de finalização, a frase de um autor desconhecido que mostra a importância de trabalharmos Ciência e Arte com o objetivo de formar cidadãos reflexivos, emancipados e transformadores: *“...não há cidadania sem memória, e não há memória sem arte...”* (Autor Desconhecido, retirado de um painel da exposição Guerra e Paz, 2012).

5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ano de Portugal no Brasil. Disponível em: < <http://anodeportugalmobrasil.pt> > Acesso em 14/04/2012.

BARBOSA-LIMA, M. C.; BARROS, L. H.; TERRAZAN, E. A. Quando o sujeito se torna pessoa: uma articulação possível entre poesia e Ensino de Física. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 10, n. 2, p. 210-305, 2004.

BAUER, de M.; GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, 516p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF, 1998, 138p.

FRANCISCO JUNIOR, W. E.; GARCIA JUNIOR, O. Leitura em sala de aula: um caso envolvendo o funcionamento da ciência. *Revista Química Nova na Escola*. v. 32, n.3, p. 191-199, 2010.

GALVÃO, Cecília. (2006). Ciência na literatura e literatura na ciência. *Interações*, n. 3, p. 32 – 51, 2006.

[MACHADO, M. A. D.](#) ; QUEIROZ, G. R. P. C. . Cor, Ciência e Arte: as estrelas de Van Gogh. Rio de Janeiro: Gráfica, 2009 (Catálogo de Exposição).

MORAES, R. Análise de Conteúdo – Revista Educação, Porto Alegre, Ano XXV, n.37, p. 7-32. 1999.

MORIN, E. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2007, 128p.

MORTIMER, E. F.; SCOTT, P. Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino”. *Investigações em Ensino de Ciências*. Porto Alegre, v.7, n.3. 2002.

PESSOA, F. O Eu Profundo e os outros Eus. Rio de Janeiro Ed. Nova Fronteira, 1980. 280p.

PUCINI, I. O Modernismo Português e Fernando Pessoa. MAFUÁ: Revista de Literatura em Meio Digital. Florianópolis, UFSC. 2008. (acesso em 09/04/2012 <<http://www.mafua.ufsc.br/numero09/ensaios/puccini.htm/>>)

QUEIROZ, G. R. P. C.; OLIVEIRA, R.D.V.L ; CASTRO, G. F.; RODRIGUES, L. Discutindo a Natureza da Ciência no Ensino de Física a partir de um Vídeo Debate: uma Prática na Formação Inicial de Professores.. In: VIII ENPEC, 2011, CAMPINAS. ANAIS DO VIII ENPEC, 2011.

QUEIROZ, G. R. P. C. BARBOSA-LIMA, M. C.; SANTIAGO, R. B. Luz Ciência e Arte. Rio de Janeiro: Gráfica, 2006 (Catálogo de Exposição).

REIS, J. C.; GUERRA, A.; BRAGA. M.: Ciência e Arte: relações improváveis? *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, (suplemento), p. 71-87, outubro 2006.

SCHNETZLER, R. P.; SANTOS, W. L. P. *Educação em Química: compromisso com a cidadania*. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí. 2003, 144p.

SILVEIRA, M. P.; ZANETIC, J. O potencial de relações entre ensino de ciências e literatura por meio da obra de Monteiro Lobato.. In: 1º CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 2010, Maringá. Anais do 1º CIELLI - Colóquio

Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 2010. Disponível em:
<http://www.cielli.com.br/downloads/217.pdf> acesso em 14/04/2012.

ANEXO 1

Ode Triunfal – Álvaro de Campos

À dolorosa luz das grandes lâmpadas
eléctricas a fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a
beleza disto,
Para a beleza disto totalmente
desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r
eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos
em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados
fora,
Por todas as papilas fora de tudo com
que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos
modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar
com um excesso
De expressão de todas as minhas
sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós,
ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a
uma Natureza tropical -
Grandes trópicos humanos de ferro e
fogo e força -
Canto, e canto o presente, e também o
passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e
todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das
máquinas e das luzes eléctricas
Só porque houve outrora e foram

humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do
século talvez cinquenta,
Átomos que não-de ir ter febre para o

cérebro do Ésquilo do século cem,
Andam por estas correias de
transmissão e por estes êmbolos e por
estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo,
ferreando,
Fazendo-me um acesso de carícias ao
corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um
motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um
automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente
de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me
completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e
carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e
insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!
Promíscua fúria de ser parte-agente
Do rodar férreo e cosmopolita
Dos comboios estrénuos,
Da faina transportadora-de-cargas dos
navios,
Do giro lúbrico e lento dos guindastes,
Do tumulto disciplinado das fábricas,
E do quase-silêncio ciciante e monótono
das correias de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas
Entre maquinismos e afazeres úteis!
Grandes cidades paradas nos cafés,
Nos cafés - oásis de inutilidades
ruidosas
Onde se cristalizam e se precipitam
Os rumores e os gestos do Útil
E as rodas, e as rodas-dentadas e as

chumaceiras do Progressivo!
Nova Minerva sem-alma dos cais e das
gares!
Novos entusiasmos de estatura do
Momento!
Quilhas de chapas de ferro sorrindo
encostadas às docas,
Ou a seco, erguidas, nos
planos-inclinados dos portos!
Actividade internacional, transatlântica,
Canadian-Pacific!
Luzes e febris perdas de tempo nos
bares, nos hotéis,
Nos Longchamps e nos Derbies e nos
Ascots,
E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que
entram
Pela minh'alma dentro!

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô
la foule!
Tudo o que passa, tudo o que pára às
montras!
Comerciantes; vários; escrocs
exageradamente bem-vestidos;
Membros evidentes de clubes
aristocráticos;
Esquálidas figuras dúbias; chefes de
família vagamente felizes
E paternais até na corrente de oiro que
atravessa o colete
De algibeira a algibeira!
Tudo o que passa, tudo o que passa e
nunca passa!
Presença demasiadamente acentuada
das cocotes
Banalidade interessante (e quem sabe o
quê por dentro?)
Das burguesinhas, mãe e filha
geralmente,
Que andam na rua com um fim
qualquer;
A graça feminil e falsa dos pederastas
que passam, lentos;
E toda a gente simplesmente elegante
que passeia e se mostra
E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur
disto tudo!)

A maravilhosa beleza das corrupções
políticas,
Deliciosos escândalos financeiros e
diplomáticos,
Agressões políticas nas ruas,
E de vez em quando o cometa dum
regicídio
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os
céus
Usuais e lúcidos da Civilização
quotidiana!

Notícias desmentidas dos jornais,
Artigos políticos insinceramente
sinceros,
Notícias passez à-la-caisse, grandes
crimes -
Duas colunas deles passando para a
segunda página!
O cheiro fresco a tinta de tipografia!
Os cartazes postos há pouco,
molhados!
Vients-de-paraître amarelos como uma
cinta branca!
Como eu vos amo a todos, a todos, a
todos,
Como eu vos amo de todas as
maneiras,
Com os olhos e com os ouvidos e com o
olfacto
E com o tacto (o que palpar-vos
representa para mim!)
E com a inteligência como uma antena
que fazeis vibrar!
Ah, como todos os meus sentidos têm
cio de vós!

Aubos, debulhadoras a vapor,
progressos da agricultura!
Química agrícola, e o comércio quase
uma ciência!
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,
Dos caixeiros-viajantes,
cavaleiros-andantes da Indústria,
Prolongamentos humanos das fábricas e
dos calmos escritórios!

Ó fazendas nas montras! Ó manequins!
Ó últimos figurinos!
Ó artigos inúteis que toda a gente quer

comprar!
Olá grandes armazéns com várias
secções!
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão
e desaparecem!
Olá tudo com que hoje se constrói, com
que hoje se é diferente de ontem!
Eh, cimento armado, beton de cimento,
novos processos!
Progressos dos armamentos
gloriosamente mortíferos!
Couraças, canhões, metralhadoras,
submarinos, aeroplanos!
Amo-vos a todos, a tudo, como uma
fera.
Amo-vos carnivoramente.
Pervertidamente e enroscando a minha
vista
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis,
inúteis,
Ó coisas todas modernas,
Ó minhas contemporâneas, forma actual
e próxima
Do sistema imediato do Universo!
Nova Revelação metálica e dinâmica de
Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls,
ó Luna-Parks,
Ó couraçados, ó pontes, ó docas
flutuantes -
Na minha mente turbulenta e
encandescida
Possuo-vos como a uma mulher bela,
Completamente vos possuo como a uma
mulher bela que não se ama,
Que se encontra casualmente e se acha
interessantíssima.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!
Eh-lá-hô elevadores dos grandes
edifícios!
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!
Parlamentos, políticas, relatores de
orçamentos,
Orçamentos falsificados!
(Um orçamento é tão natural como uma
árvore
E um parlamento tão belo como uma
borboleta).

Eh-lá o interesse por tudo na vida,
Porque tudo é a vida, desde os brilhantes
nas montras
Até à noite ponte misteriosa entre os
astros
E o mar antigo e solene, lavando as
costas
E sendo misericordiosamente o mesmo
Que era quando Platão era realmente
Platão
Na sua presença real e na sua carne
com a alma dentro,
E falava com Aristóteles, que havia de
não ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor
Com o sentimento de deliciosa entrega
duma mulher possuída.
Atirem-me para dentro das fornalhas!
Metam-me debaixo dos comboios!
Espanquem-me a bordo de navios!
Masoquismo através de maquinismos!
Sadismo de não sei quê moderno e eu e
barulho!

Up-lá hô jockey que ganhaste o Derby,
Morder entre dentes o teu cap de duas
cores!

(Ser tão alto que não pudesse entrar por
nenhuma porta!
Ah, olhar é em mim uma perversão
sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!
Deixai-me partir a cabeça de encontro às
vossas esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue
Sem ninguém saber quem eu sou!

Ó tramways, funiculares,
metropolitanos,
Roçai-vos por mim até ao espasmo!
Hilla! hilla! hilla-hô!
Dai-me gargalhadas em plena cara,
Ó automóveis apinhados de pândegos e
de...,
Ó multidões quotidianas nem alegres
nem tristes das ruas,

Rio multicolor anônimo e onde eu me
posso banhar como quereria!
Ah, que vidas complexas, que coisas lá
pelas casas de tudo isto!
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as
dificuldades de dinheiro,
As dissensões domésticas, os deboches
que não se suspeitam,
Os pensamentos que cada um tem a sós
consigo no seu quarto
E os gestos que faz quando ninguém
pode ver!
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó
raiva,
Ó raiva que como uma febre e um cio e
uma fome
Me põe a magro o rosto e me agita às
vezes as mãos
Em crispações absurdas em pleno meio
das turbas
Nas ruas cheias de encontrões!

Ah, e a gente ordinária e suja, que
parece sempre a mesma,
Que emprega palavrões como palavras
usuais,
Cujos filhos roubam às portas das
mercearias
E cujas filhas aos oito anos - e eu acho
isto belo e amo-o! -
Masturbam homens de aspecto decente
nos vãos de escada.
A gentalha que anda pelos andaimes e
que vai para casa
Por velas quase irreais de estreiteza e
podridão.
Maravilhosamente gente humana que
vive como os cães
Que está abaixo de todos os sistemas
morais,
Para quem nenhuma religião foi feita,
Nenhuma arte criada,
Nenhuma política destinada para eles!
Como eu vos amo a todos, porque sois
assim,
Nem imorais de tão baixos que sois, nem
bons nem maus,
Inatingíveis por todos os progressos,
Fauna maravilhosa do fundo do mar da
vida!

(Na nora do quintal da minha casa
O burro anda à roda, anda à roda,
E o mistério do mundo é do tamanho
disto.
Limpa o suor com o braço, trabalhador
descontente.
A luz do sol abafa o silêncio das esferas
E havemos todos de morrer,
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,
Pinheirais onde a minha infância era
outra coisa
Do que eu sou hoje...)

Mas, ah outra vez a raiva mecânica
constante!
Outra vez a obsessão movimentada dos
ônibus.
E outra vez a fúria de estar indo ao
mesmo tempo dentro de todos os
comboios
De todas as partes do mundo,
De estar dizendo adeus de bordo de
todos os navios,
Que a estas horas estão levantando ferro
ou afastando-se das docas.
Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de
ferro ondulado!
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó
guindastes, ó rebocadores!

Eh-lá grandes desastres de comboios!
Eh-lá desabamentos de galerias de
minas!
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes
transatlânticos!
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,
Alterações de constituições, guerras,
tratados, invasões,
Ruído, injustiças, violências, e talvez
para breve o fim,
A grande invasão dos bárbaros amarelos
pela Europa,
E outro Sol no novo Horizonte!

Que importa tudo isto, mas que importa
tudo isto
Ao fúlgido e rubro ruído
contemporâneo,
Ao ruído cruel e delicioso da civilização
de hoje?

Tudo isso apaga tudo, salvo o
Momento,
O Momento de tronco nu e quente como
um fogueiro,
O Momento estridentemente ruidoso e
mecânico,
O Momento dinâmico passagem de
todas as bacantes
Do ferro e do bronze e da bebedeira dos
metais.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à
hora do jantar,
Eia aparelhos de todas as espécies,
férreos, brutos, mínimos,
Instrumentos de precisão, aparelhos de
triturar, de cavar,
Engenhos brocas, máquinas rotativas!

Eia! eia! eia!
Eia electricidade, nervos doentes da
Matéria!
Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica
do Inconsciente!
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel,
Suez!
Eia todo o passado dentro do presente!
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!
Eia! eia! eia!
Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica
cosmopolita!
Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!
Nem sei que existo para dentro. Giro,
rodeio, engenho-me.
Engatam-me em todos os comboios.
Lçam-me em todos os cais.
Giro dentro das hélices de todos os
navios.
Eia! eia-hô! eia!
Eia! sou o calor mecânico e a
electricidade!

Eia! e os rails e as casas de máquinas e
a Europa!
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo,
máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo!
Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!
Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!
Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a
parte!

Londres, 1914 - Junho.